

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Monologismo Algorítmico e Dialogismo Simulado: uma análise bakhtiniana do discurso mediado por chatbots de IA

Ives da Silva Duque-Pereira, Sérgio Arruda de Moura

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11590>

Submetido em: 2025-03-27

Postado em: 2025-04-07 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ABSTRACT

This article critically analyzes interactions mediated by AI-based chatbots through the theoretical lens of Bakhtin. It explores the dialogic nature of chatbot-generated discourse, introducing the concept of "algorithmic monologism" to describe the simulated dialogue these technologies produce. Utilizing an analytical model grounded in Bakhtinian theory, the study demonstrates how AI chatbots simulate multiple discursive voices while ultimately reinforcing dominant discourses. It highlights the necessity for fostering critical awareness among interlocutors regarding the ethical, cultural, and pedagogical implications of chatbot-mediated interactions. The research contributes to AI literacy development, underscoring the importance of maintaining critical and reflective stances toward digital technologies in educational contexts.

Keywords: Chatbots; Artificial Intelligence; Dialogism; Education; Mikhail Bakhtin

Introdução

O uso de *chatbots* baseados em Inteligência Artificial Generativa (IA Gen) tem se expandido rapidamente no ambiente educacional, gerando tanto entusiasmo quanto preocupação. Ferramentas como o ChatGPT, capaz de produzir interações textuais em linguagem natural, estão sendo incorporadas a plataformas de apoio ao estudante, tutoria online e respostas a perguntas frequentes. Além disso, já estão disponíveis no cotidiano de forma ampla em diversas redes sociais em que os estudantes estão presentes. Esse contexto traz a necessidade de compreender criticamente o papel desses agentes artificiais no cenário pedagógico.

Por um lado, argumenta-se que tais *chatbots* podem potencializar processos de ensino e aprendizagem, oferecendo respostas rápidas e acesso a informações com tutoria personalizada, correção automatizada de redações, tradução de idiomas, em um processo de aprendizagem interativa e adaptativa (BAIDOO-ANU; ANSAH, 2023). Por outro lado, educadores questionam a profundidade e a qualidade desse diálogo mediado por IA Gen, uma vez que a máquina não possui intencionalidade ou consciência próprias, não garante objetividade e neutralidade, contém erros e vieses, levantando questões relacionadas à ética no seu uso (RODRIGUES, 2023).

Em meio a essas discussões, surge uma problemática central para o presente trabalho, sobre o discurso que se produz por meio dessas ferramentas. Diferentemente de um interlocutor humano, os *chatbots* que utilizam IA Gen, não possuem uma vivência ou posição subjetiva real, faltando a experiência consciente que fundamenta a autoria e a responsabilidade humanas (SANTAELLA, 2023). Assim, ainda que um *chatbot* possa

imitar a fala humana, resta a pergunta: *De que maneira o discurso dos chatbots com IA Gen, utilizados no contexto educacional, pode ser analisado a partir dos conceitos bakhtinianos?*

A presente pesquisa busca explorar essa questão norteadora sob a lente teórica bakhtiniana, entendendo o discurso como fenômeno dialógico por excelência. Adota-se como hipótese que o discurso produzido pelos *chatbots* apresenta uma natureza dialógica simulada, caracterizando-se por gêneros discursivos híbridos típicos da era da hipermídia, podendo ser analisado criticamente por meio de um modelo analítico baseado nos conceitos bakhtinianos de dialogismo, heteroglossia, polifonia e gêneros discursivos.

Diante disso, os objetivos deste estudo são: identificar a natureza dialógica das respostas dos *chatbots* de IA Gen, investigando até que ponto o dialogismo ocorre como interação autêntica ou como simulação discursiva; analisar os gêneros discursivos híbridos presentes nas respostas desses *chatbots* no contexto educacional, refletindo sobre a forma como são apropriados e transformados pela tecnologia; propor e aplicar um modelo analítico bakhtiniano para examinar criticamente o discurso produzido pelos *chatbots*; discutir as implicações pedagógicas da análise realizada e, por fim, contribuir com reflexões teóricas e práticas para o desenvolvimento de um letramento em IA, capaz de compreender o papel ético e social das tecnologias digitais em contextos educacionais.

1. Metodologia

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, analítico-interpretativa, fundamentada na análise dialógica do discurso, embasada teoricamente nos conceitos de Bakhtin. Inicialmente, foi realizada uma revisão bibliográfica dos principais conceitos bakhtinianos, que orientaram a construção da proposta de Modelo Analítico Bakhtiniano para o Discurso de *Chatbots* de IA Gen.

A bibliografia citada foi inserida na ferramenta *Notebook LM*, do *Google*, que utiliza a tecnologia de IA Generativa *Gemini 2.0*. Por meio de diálogos estabelecidos com essa ferramenta, foi possível aprofundar a compreensão de conceitos, busca por referências e obter ajuda nos caminhos objetivos para a pesquisa. O ChatGPT, na sua versão 4.5, também foi utilizado para revisão textual de parágrafos, visando melhorias na coesão e coerência do texto.

O corpus analisado é composto por enunciados gerados por respostas fornecidas pelo modelo ChatGPT (versão GPT-4.5), utilizando uma aba de chat temporário que não

salva e nem utiliza o histórico na memória da conta utilizada. Optou-se por realizar uma série de comandos sequenciais (prompts) em uma única sessão, permitindo o encadeamento discursivo característico dos sistemas conversacionais, nos quais cada resposta é influenciada pelas interações anteriores, possibilitando, assim, uma análise mais consistente do dialogismo presente nas respostas.

Os comandos enviados ao *chatbot* abrangeram diversos temas educacionais como conceitos teóricos ("Explique o que é construtivismo na educação"), situações pedagógicas práticas ("Como lidar com a indisciplina em sala de aula?"), conteúdos curriculares ("O que foram as Revoluções Industriais?") e dilemas éticos relacionados ao uso da IA na educação ("Deve-se usar inteligência artificial para fazer trabalhos acadêmicos?"). A escolha do ChatGPT deu-se devido à relevância e ampla adoção recente desse modelo. Entretanto, os critérios desenvolvidos poderiam ser aplicados igualmente a outros sistemas conversacionais.

Cabe destacar que não foram utilizadas métricas automatizadas ou amostras estatisticamente representativas, pois o foco da pesquisa é qualitativo, compreensivo e exploratório, privilegiando análises em estudo de casos. Como limitação, reconhece-se que o corpus analisado é restrito. Contudo, o recorte adotado é coerente com o foco contextual do trabalho, potencializando o avanço na compreensão do fenômeno estudado e fornecendo bases para futuras investigações mais amplas sobre interações discursivas em ambientes mediados por Inteligência Artificial Generativa.

2. Contribuições de Bakhtin para análise dos discursos e os *chatbots* de IA

2.1 A natureza dialógica do discurso e os *chatbots* de IA Gen

Os *chatbots*, impulsionados por IA Gen emergem como figuras proeminentes na paisagem comunicacional contemporânea. A sua capacidade de processar e gerar linguagem natural suscita debates sobre a sua natureza dialógica, especialmente à luz das teorias de Mikhail Bakhtin sobre discurso e dialogismo.

A originalidade das respostas geradas por *chatbots* levanta questões éticas e autorais em que a capacidade de criar textos semelhantes aos produzidos por humanos gera preocupações sobre plágio e má conduta acadêmica. A apropriação e combinação de vozes e discursos existentes na cultura digital, embora inerente ao dialogismo, exigem uma reflexão crítica sobre os limites da criação algorítmica e a necessidade de proteger os direitos de propriedade intelectual.

O enunciado, unidade básica da comunicação, é sempre responsivo, retomando o passado e abrindo-se ao futuro. Os *chatbots*, ao processarem a linguagem natural, aparentam envolver-se nesse fluxo dialógico. Eles respondem a perguntas, geram textos e criam conteúdo original, demonstrando uma capacidade de interação que emula a comunicação humana.

Para Bakhtin, todo enunciado é, por natureza, dialogizado, respondendo a enunciados anteriores e antecipa réplicas futuras, situando-se em uma corrente ininterrupta de comunicação. Esse princípio do dialogismo implica que a significação não é produzida isoladamente por um sujeito autônomo, mas sim no encontro de vozes e perspectivas socialmente construídas. Desse modo, a interação verbal é compreendida como processo de co-construção de sentidos, em que nenhuma voz fala sozinha – toda enunciação traz ecos de vozes alheias e insere-se em um contexto histórico-ideológico compartilhado. (BAKHTIN, 2006).

A concepção bakhtiniana de discurso fundamenta-se na dialogicidade como princípio constitutivo da linguagem. Bakhtin ressalta que "a orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso" e que todo discurso "nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto" (BAKHTIN, 1998, p. 88-89). Esta orientação dialógica manifesta-se na interação entre consciências, o que apresenta um primeiro desafio ao analisarmos *chatbots*, que não possuem consciência análoga à humana.

O dialogismo bakhtiniano, embora constata a alteridade constitutiva do discurso, não implica uma concepção subjetivista de enunciado nem a submissão incondicional do sujeito à linguagem. Diferentemente da perspectiva psicanalítica que busca na polifonia a manifestação do inconsciente, Bakhtin vê na palavra o resultado polêmico de um embate social, onde o ser não apenas se reflete na linguagem, mas também nela se refrata (ROMAN, 1992).

Ao aplicarmos estes conceitos aos *chatbots*, percebemos que suas respostas podem ser analisadas como enunciados que respondem a perguntas ou comandos dos usuários, porém a natureza dessa responsividade é algorítmica e não intencional no sentido humano. Como explica Barros (1994), os textos podem produzir efeitos de monofonia e polifonia, caracterizando diferentes tipos de discursos. No caso dos *chatbots*,

podemos observar uma simulação de polifonia, onde diferentes "vozes" são representadas e orientadas por uma unidade organizadora do discurso algorítmicamente.

No contexto educacional, o dialogismo se manifesta na relação professor-estudante, nos debates em sala de aula e nas múltiplas fontes de conhecimento que circulam (livros, mídias, experiências pessoais). Aplicar a lente bakhtiniana a um *chatbot* de IA significa perguntar: em que medida as respostas fornecidas pela máquina inserem-se nesse fluxo dialógico humano? Embora o *chatbot* não tenha consciência, ele se apropria de vozes humanas presentes em seu corpus de treinamento – textos científicos, didáticos, literatura, fóruns – e as reorganiza em novas combinações. Poderíamos levantar a hipótese que há, no discurso do *chatbot*, ecos de uma heteroglossia, ou seja, a coexistência de múltiplas vozes sociais e estilos de linguagem dentro de um mesmo texto.

Na obra de Bakhtin sobre o romance de Dostoiévski, a heteroglossia designa a diversidade de línguas sociais e dialetos que compõem o tecido do discurso de um romance polifônico, contrastando vozes de diferentes classes, gerações e grupos (BAKHTIN, 2010). Transposta para a esfera digital, a heteroglossia pode ser observada, por exemplo, quando um *chatbot* alterna entre registros formais e informais conforme a pergunta do usuário, ou quando incorpora termos técnicos, gírias estudantis e citações acadêmicas numa mesma conversa. Essa mescla de múltiplos socioletos e registros indica que o texto da IA Gen é produto de um vasto intertexto – uma característica intrínseca do discurso humano que a máquina simula. Entretanto, cabe questionar se essa heteroglossia nos *chatbots* configura de fato um diálogo vivo ou apenas uma colagem de vozes sem agência.

Relacionado a isso está o conceito de polifonia, como aquele em que vozes independentes e conscientes coexistem, cada qual com sua perspectiva e valor ideológico, sem serem subsumidas por uma voz unificadora do autor. Dostoiévski, segundo Bakhtin, criou narrativas em que as personagens possuem vozes próprias, quase autônomas, configurando um verdadeiro coro polifônico (BAKHTIN, 2010).

Ao examinar o discurso de um *chatbot*, podemos nos perguntar: há polifonia genuína em suas respostas? À primeira vista, pode parecer que sim, pois muitas vezes o *chatbot* apresenta diferentes pontos de vista sobre um tema – por exemplo, ao explicar uma questão controversa, ele pode expor argumentos pró e contra. Contudo, na teoria bakhtiniana a polifonia pressupõe sujeitos conscientes distintos por trás de cada voz, o

que não ocorre no caso do *chatbot*. Na realidade, a IA Gen encena vozes diversas, mas todas emanam de uma mesma fonte algorítmica unificadora, sem a autenticidade de consciências independentes.

Trata-se, portanto, de uma polifonia simulada ou controlada, as vozes presentes são fragmentos de discursos alheios rearticulados por um “autor” invisível (os programadores e os dados de treinamento). Essa distinção é determinante para a análise. Enquanto um fórum de discussão entre estudantes e professores comporta polifonia autêntica (cada participante com sua visão de mundo), um diálogo com o *chatbot* pode, na superfície, ecoar multiplicidade de vozes, mas carece de alteridade real em sentido forte.

Desta forma, a natureza dialógica dos *chatbots* é também marcada pela incompletude. Embora complexos, esses sistemas de processamento da linguagem natural carecem da capacidade de reconhecer nuances contextuais e de apreender a totalidade das intenções comunicativas. A ausência de um corpo, de uma história pessoal e de uma experiência concreta do mundo limita a sua capacidade de estabelecer um diálogo pleno e significativo. Talvez seja por isso que *chatbots* estejam investindo em funções que armazenam os dados dos usuários para futuras interações. Curiosamente, essa função no ChatGPT se chama memória e é capaz de inserir automaticamente nas suas respostas, se julgar necessário, dados dos usuários armazenados durante as interações como nome, local de trabalho, interesses pessoais e assim por diante.

Embora simulem a interação humana, esses sistemas de IA ainda carecem de elementos essenciais para um diálogo pleno e significativo. A sua utilização responsável exige uma reflexão crítica sobre as suas implicações éticas, autorais e sociais, incentivando uma postura ativa e consciente por parte dos usuários interlocutores. Somente assim será possível aproveitar o potencial dialógico, mesmo que simulado, dos *chatbots* sem comprometer a riqueza e a profundidade da comunicação humana.

2.2 Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia

A teoria bakhtiniana já antecipava a pluralidade em devir dos gêneros discursivos, que "tendem a crescer à medida que se desenvolvem e se complexificam as esferas da *práxis* humana"(SANTAELLA, 2014, p. 206). Esta perspectiva nos permite compreender as manifestações discursivas dos *chatbots* como parte de um novo gênero híbrido, característico da era digital.

Para Lucia Santaella (2014), na hipermídia, a discursividade verbal não se limita à linearidade típica do verbo no hipertexto, estendendo-se também além do discurso exclusivamente verbal, ao se combinar com diversas formas de imagens estáticas e em movimento, bem como com linguagens sonoras. Essa hibridação de linguagens, processos sógnicos, códigos e mídias caracteriza o ambiente digital onde os *chatbots* operam.

Bakhtin (2006) distingue os gêneros primários (ligados à comunicação cotidiana espontânea) e os gêneros secundários (formas mais complexas e elaboradas, como textos literários, científicos, educacionais). Cada esfera de atividade produz gêneros relativamente estáveis, com estilos e conteúdos típicos. No ambiente educacional, encontramos gêneros próprios, como a aula expositiva, o debate em classe, o manual didático, a redação escolar, entre outros. O advento de *chatbots* introduz um novo meio de interação cujos gêneros ainda estão em formação: qual seria o gênero discursivo de uma resposta do ChatGPT a uma dúvida de estudante? Poderíamos considerá-la uma variante do gênero explicativo ou instrucional, porém mediada por IA?

Os *chatbots*, construídos para o processamento da linguagem natural, são programados para aprender em interação com os usuários, de modo que essa aprendizagem norteia as respostas que seguem sendo dadas em uma conversa fluida. Esta capacidade de aprendizado contínuo transforma a natureza do discurso produzido, criando uma forma de interação que, embora não seja humana, simula aspectos do dialogismo humano. Há também a forma dialogal da interface – um gênero de conversa homem-máquina. Estudos recentes indicam que a interlocução com assistentes artificiais pode configurar um gênero emergente, com suas normas estabelecidas na sua construção algorítmica.

A tese Fabiane de Oliveira Santos (2022), aborda a relação entre usuários e assistentes virtuais, destacando a construção de sentidos e as interações estabelecidas. Embora o foco principal seja a questão de gênero nas vozes dos assistentes, o estudo também discute as dinâmicas de interação que se configuram nesse contexto. Além disso, a Geovana Ramos Sousa Silva e Edna Dias Canedo (2023), propõe diretrizes centradas no usuário para o *design* conversacional de *chatbots*. O estudo identifica elementos linguísticos, visuais e interativos utilizados no *design* de conversas com *chatbots*, ressaltando a importância de práticas que promovam uma experiência de usuário

satisfatória e engajadora. Essas pesquisas contribuem para a compreensão das interações com assistentes virtuais como um gênero discursivo emergente, com normas e padrões específicos que moldam a comunicação entre humanos e máquinas.

A análise bakhtiniana atenta para como esses gêneros digitais herdaram traços de gêneros discursivos preexistentes (por exemplo, a resposta de um *chatbot* educacional pode lembrar um verbete de enciclopédia ou um resumo de aula) e ao mesmo tempo criam novos arranjos comunicativos. Além disso, considerando que os gêneros são moldados social e historicamente, surge um campo de investigação que é como a presença de IA Gen interage com os gêneros da esfera educacional.

2.3 Análise tecnodiscursiva: uma abordagem para *chatbots*

A incorporação de tecnologias digitais na comunicação humana levou ao surgimento do Marie-Anne Paveau (2022) chama de tecnodiscurso ou discurso tecnodigital, caracterizado pela mediação computacional da interação verbal. Nessa perspectiva, o discurso produzido ou intermediado por máquinas exhibe características híbridas: por um lado, é linguagem humana (com léxico, sintaxe e referência comuns à língua natural); por outro, é influenciado pelas lógicas e limitações da tecnologia subjacente (algoritmos, bases de dados, filtros de conteúdo). Esta perspectiva é particularmente útil para analisar o discurso de *chatbots*, pois reconhece que não se pode separar o discurso produzido da tecnologia que o possibilita.

Bakhtin não viveu para ver a era digital, mas sua teoria do dialogismo tem sido estendida por autores contemporâneos para dar conta desses fenômenos. Pesquisadores brasileiros, como Wilder Kleber Fernandes de Santana *et al.* (2024), falam em “lentes dialógicas” para analisar a IA ressaltando que mesmo no terreno instável da tecnologia atual a linguagem constitui um fenômeno histórico, social e dialógico.

Ou seja, a mediação técnica não elimina os elementos fundamentais do discurso – sujeitos, ideologias, historicidade – ainda que os reconfigure. Na esfera discursiva tecnológica, a IA Gen pode ser vista como um novo participante no diálogo social, porém um participante peculiar que é ao mesmo tempo produto e produtor de discurso. Produto porque suas falas resultam de algoritmos projetados por engenheiros (que, por sua vez, carregam valores culturais) e produtor porque, a cada interação, ele gera novos textos que passam a circular socialmente, influenciando outros interlocutores.

Um conceito útil aqui é o de ideologia no discurso, em que Mikhail Bakhtin e Valentin Volochínov (2004) argumentam que a palavra é o signo ideológico por excelência – os significados carregam valorações sociais e refletem as condições sócio-históricas de sua produção. Quando interagimos com um *chatbot*, tendemos a percebê-lo como neutro ou objetivo, talvez por sabermos que se trata de uma máquina. Contudo, do ponto de vista bakhtiniano, não há discurso sem ideologia. As respostas do *chatbot*, embora geradas automaticamente, reproduzem visões de mundo presentes no material em que foi treinado e nas instruções de seus desenvolvedores.

Assim, podemos falar em uma ideologia incorporada nas respostas da IA Gen, em que certos vieses, preferências e lacunas que refletem a parcialidade do conhecimento disponível. Emerson Campos Gonçalves e Juliana Barbosa Coitinho (2023) demonstraram isso ao analisar um enunciado educacional produzido pelo ChatGPT e identificando uma predileção por tendências pedagógicas liberais e neoliberais, em detrimento de perspectivas críticas ou emancipatórias, o que sugere omissão de vozes importantes no jogo polifônico. Os autores inferem que o viés detectado decorre do silêncio das vozes dos criadores da ferramenta no discurso – isto é, a resposta parece neutra, mas por trás dela há escolhas ideológicas pregressas, não explicitadas.

Esse achado alerta para o mito da neutralidade tecnológica. Assim como não existe ciência completamente isenta de valores (NINIS *et al.*, 2013), tampouco um sistema de IA é “vazio” de posições culturais e ideológicas. Logo, o estudo do discurso de *chatbots* requer examinar criticamente quem fala através da máquina – que discursos ela amplifica e quais ela marginaliza.

Paveau (2022), propõe examinar as hiperligações, na análise do discurso digital, segundo a categoria tecnodiscursiva da deslinearização, bem como a partir das relações retóricas que emergem entre o texto de origem e o de destino. De forma análoga, podemos analisar como os *chatbots* estabelecem conexões entre diferentes corpora textuais e como essas relações moldam o discurso produzido. Os algoritmos de IA atuam como "curadores da informação", personalizando respostas e selecionando conteúdo. Esta curadoria algorítmica tem implicações significativas para a análise do discurso, pois influencia diretamente quais vozes são representadas e como são articuladas.

2.4 Ciências Naturais vs. Ciências da Cultura: Interlocução com Cassirer

Para ampliar a compreensão teórica, é pertinente dialogar com o filósofo Ernst Cassirer, especialmente no que se refere à diferença entre abordar fenômenos por métodos das ciências naturais (*Naturwissenschaften*) ou das ciências culturais/humanas (*Geisteswissenschaften*). Cassirer (1994), argumenta que o ser humano se entende e se expressa através de formas simbólicas – linguagem, arte, mito, ciência – e que o estudo desses produtos culturais exige um tipo de análise diverso do empregado nas ciências naturais. Enquanto as ciências naturais buscam objetividade, leis gerais e explicações causais, as ciências da cultura buscam compreender o significado e o contexto das criações humanas.

No caso de um *chatbot* de IA, há uma intersecção peculiar entre esses dois domínios: o *chatbot* é concebido e construído com base em ciência e tecnologia (redes neurais, estatística, computação – uma abordagem de ciências naturais), mas o resultado de sua operação é um discurso linguístico, inserido no fluxo da comunicação humana (um objeto de ciências da cultura). Essa dupla natureza nos desafia a adotar uma postura interdisciplinar. Por um lado, é preciso entender tecnicamente como a IA Gen gera suas respostas (para não atribuir à máquina uma intencionalidade que ela não tem) e por outro lado, é fundamental analisar o texto gerado como ato de linguagem, pleno de sentido num contexto social.

Segundo Cassirer (1994), não podemos reduzir os fenômenos culturais a meros processos físicos sem perder de vista seu sentido. Cassirer contribui aqui ao lembrar que mesmo fenômenos científicos e tecnológicos fazem parte da cultura humana e, portanto, carregam simbolismos e valores. Essa contraposição ecoa o debate clássico inaugurado por Wilhelm Dilthey no século XIX, ao distinguir *erklären*, como explicação casual própria das ciências naturais, de *verstehen*, como a compreensão interpretativa, própria das ciências do espírito

No caso de um *chatbot*, como o ChatGPT, isso significa que, embora possamos descrevê-lo em termos de algoritmos e parâmetros (visão “naturalista”), tal descrição não esgota sua compreensão e precisamos interpretá-lo também como um novo ator no drama cultural do discurso. Ele se situa na confluência entre o cálculo matemático e a conversação humana. Assim, o discurso de um *chatbot* deve ser explicado em termos de modelo de linguagem treinado? Sim, até certo ponto, para sabermos de onde vêm suas

regularidades e limitações. Mas também deve ser compreendido enquanto texto dotado de intenções aparentes, efeitos sobre interlocutores e inserção num diálogo social maior.

A proposta bakhtiniana pode abraçar esse segundo aspecto e tratar o enunciado do *chatbot* como enunciado em interação, analisando suas relações dialógicas com outros enunciados humanos. A interlocução com Cassirer (1994), reforça a necessidade de uma abordagem crítica de IA na educação que não fique restrita ao entusiasmo técnico (ciência natural), nem tampouco demonize a tecnologia sem entendê-la (postura cultural isolada). Ao invés disso, propõe-se um olhar unificador de reconhecer o *chatbot* como fruto de uma racionalidade científica moderna, mas avaliá-lo sob critérios das ciências humanas – ética, linguagem, cultura – ao analisar seu discurso e impacto educacional.

3. Uma Proposta de Modelo Analítico Bakhtiniano para o Discurso de *Chatbots* de IA

O texto seminal de Alan Turing sobre a concepção da IA já situava "a comunicação – e um tipo específico de comunicação interpessoal conversacional – como um fator decisivo para a IA"(GUNKEL, 2017, p. 9). É a habilidade comunicacional que determina o “pensamento” da máquina para ser considerada “inteligente”. Mesmo que questionemos a possibilidade de uma IA que seja tal qual a cognição humana, nosso mundo já é "povoado por artefatos semi-inteligentes, robôs sociais, algoritmos capazes de aprender e sistemas de tomada de decisão autônomos que exponencialmente ocupam o lugar do Outro nas relações sociais e na interação comunicativa"(GUNKEL, 2017, p. 13)

A análise do discurso em *chatbots* de IA requer uma reconsideração de conceitos fundamentais como sujeito, enunciado e dialogismo. Embora seja tentador antropomorfizar estes sistemas, atribuindo-lhes intencionalidade e consciência, uma análise mais produtiva reconhece sua natureza como mediadores discursivos que se apropriam e transformam discursos existentes.

Partindo da premissa que a interlocução entre seres humanos e *chatbots* de IA configura-se como um gênero discursivo emergente, cujo entendimento requer ferramentas analíticas complexas, a teoria bakhtiniana se apresenta como um arcabouço teórico consistente para examinar criticamente esses discursos digitais. Este artigo propõe um modelo analítico, considerando conceitos fundamentais como dialogismo, heteroglossia, polifonia, gêneros discursivos e ideologia.

O primeiro elemento fundamental dessa proposta é o dialogismo, que aplicado ao contexto dos *chatbots*, o modelo propõe identificar primeiramente quais enunciados anteriores o *chatbot* retoma em suas respostas, observando como ocorre essa transformação discursiva. Em seguida, deve-se avaliar a intencionalidade dessas respostas. Ainda que os sistemas de IA não possuam intencionalidade consciente, há uma simulação através de padrões algorítmicos. A análise deve explorar se o *chatbot* está verdadeiramente inserido em um fluxo dialógico humano ou se apenas simula superficialmente tal interação.

Associado ao dialogismo está o conceito de heteroglossia, entendido como a coexistência de diferentes vozes sociais e estilos linguísticos em um mesmo discurso. Os *chatbots* podem combinar registros formais e informais, termos técnicos e expressões populares para se adaptarem ao interlocutor. Contudo, a questão analítica aqui proposta é questionar se essa multiplicidade configura um diálogo vivo, autêntico, ou apenas uma "colagem" sem agência, oriunda da programação algorítmica. Esse modelo prevê mapear tais estilos, examinando criticamente como se articulam, combinam ou negociam diferentes vozes sociais e quais relações de poder subjazem a essa aparente diversidade de seu corpus de treinamento.

A polifonia é outro conceito determinante para o modelo analítico bakhtiniano. A polifonia pressupõe a presença simultânea de vozes independentes e conscientes, cada uma com suas perspectivas e posicionamentos ideológicos. O modelo proposto recomenda, portanto, examinar se o *chatbot* apresenta múltiplas perspectivas em suas respostas, avaliando se tais perspectivas sugerem vozes autônomas e conscientes ou se são apenas simuladas, controladas por um algoritmo que as unifica. Essa análise permite perceber até que ponto os *chatbots* refletem uma autêntica diversidade discursiva ou operam dentro de limites estabelecidos pelos programadores.

Outra dimensão essencial no modelo analítico proposto são os gêneros discursivos utilizados pelos *chatbots*. O modelo deve avaliar como o *chatbot* adapta gêneros já existentes e se, eventualmente, promove a emergência de novos arranjos comunicativos. Adicionalmente, deve-se considerar o impacto da presença da IA Gen na transformação ou reforço dos gêneros digitais, com implicações diretas sobre as práticas pedagógicas e sobre o letramento digital crítico.

No plano crítico, é fundamental considerar a dimensão da ideologia. Todo discurso carrega implicitamente valores, crenças e representações de mundo. O modelo analítico aqui proposto busca verificar quem realmente fala através do *chatbot*, ou seja, quais perspectivas ideológicas ele amplifica ou marginaliza. Uma análise minuciosa permite identificar os pressupostos ideológicos subjacentes, expondo padrões que podem privilegiar determinadas abordagens sociais ou culturais em detrimento de outras. Esse exercício crítico ajuda a desconstruir a percepção equivocada da neutralidade tecnológica dos sistemas baseados em IA.

Além disso, o modelo proposto enfatiza a importância das relações dialógicas como aspecto central do discurso mediado pelos *chatbots*. A análise deve explicitar claramente quem está falando, para quem, em que contexto, com qual intenção aparente, e como essas variáveis influenciam o conteúdo discursivo. Isso implica em abordar o discurso como um fenômeno historicamente situado, cujas condições de produção moldam o seu conteúdo e a sua forma, refletindo relações sociais e culturais mais amplas.

Ainda no nível da enunciação, entende-se que a linguagem é um fenômeno social, histórico e dialógico, efetivado em enunciados concretos e únicos. Por isso, o modelo analítico bakhtiniano exige observar a natureza específica e singular dos enunciados produzidos pelo *chatbot*, indo além da mera repetição mecânica e considerando a flexibilidade, as nuances e a refração ideológica presentes nesses textos.

Outro ponto relevante são as noções de apreciação valorativa, plurilinguismo e intertextualidade, ferramentas conceituais que ajudam a detectar como os discursos produzidos pelos *chatbots* refletem e refratam diferentes valores e significados sociais. A análise tecnodiscursiva complementa esse quadro ao identificar as hiperligações, os textos originais e as relações retóricas presentes no discurso digital mediado por IA.

Finalmente, cabe destacar que este modelo pode integrar abordagens quantitativas e qualitativas, começando por identificar padrões gerais e depois explorando qualitativamente seu significado e suas implicações sociais mais profundas. É também recomendável recorrer à metalinguística bakhtiniana como forma de aprofundar o estudo dos enunciados e à heterociência para interpretar sentidos que ultrapassam a superfície textual.

Categorias Analíticas	Crítérios de Análise	Perguntas Orientadoras para a Análise
Dialogismo	Enunciados, responsividade, intencionalidade	Quais enunciados anteriores são retomados e transformados? A resposta do <i>chatbot</i> é responsiva ou apenas reativa? Ela se insere no fluxo dialógico humano?
Heteroglossia	Diversidade linguística, estilos discursivos, relações de poder	Que vozes sociais e estilos de linguagem coexistem na resposta do <i>chatbot</i> ? Essas vozes têm autonomia ou são apenas reproduções sem agência?
Polifonia	Diversidade de perspectivas, contraste entre vozes, consciência discursiva	O <i>chatbot</i> apresenta múltiplas perspectivas sobre um tema? Há independência entre as vozes ou são subsumidas por uma voz unificadora (monológica)?
Gêneros Discursivos	Gêneros emergentes, adaptação e criação discursiva, transformações comunicativas	Quais gêneros discursivos são utilizados ou adaptados pelo <i>chatbot</i> ? A interação <i>chatbot</i> -usuário configura novos gêneros discursivos?
Ideologia	Valores implícitos, amplificação ou marginalização de discursos	Quais perspectivas ideológicas são favorecidas ou silenciadas pelo <i>chatbot</i> ? Quais discursos ele reforça e quais ignora?
Contexto Sócio-Histórico	Condições de produção, impacto social, relações de poder	Em que contexto histórico-social o discurso do <i>chatbot</i> é produzido e circula? Quais relações de poder influenciam a produção discursiva da IA?

Quadro 1: Síntese da proposta de modelo analítico baseado na teoria bakhtiniana, aplicada especificamente ao discurso de *chatbots* de IA. Fonte: Autoria própria

4. Aplicação do modelo bakhtiniano para análise do discurso de um *chatbot* de IA

Comando: “Explique o que é construtivismo na educação”

Categoria Bakhtiniana	Exemplo do corpus (resposta do <i>chatbot</i>)	Análise / observações
------------------------------	---	------------------------------

Dialogismo	“O conhecimento não é simplesmente transmitido pelo professor...”	Retoma implicitamente discursos educacionais anteriores (crítica à educação bancária feita por Paulo Freire). Não antecipa respostas futuras diretamente, mas abre espaço para questionamentos sobre métodos tradicionais. Intencionalidade simulada (algorítmica) ao explicar claramente sem assumir posicionamento explícito.
Heteroglossia	“O estudante como protagonista”, “Papel do professor como mediador”, termos como “interação social e colaboração”	Combina discurso acadêmico (formal, conceitual) com explicação acessível. Há heteroglossia formal limitada com combinação de vozes acadêmicas e pedagógicas comuns, sem agência ou autonomia plena, indicando mais uma colagem estilística do que um diálogo vivo.
Polifonia	"Jean Piaget (desenvolvimento cognitivo), Lev Vygotsky (importância da interação social), Jerome Bruner (aprendizagem por descoberta)."	Apresenta perspectivas múltiplas (Piaget, Vygotsky, Bruner), mas subordinadas a uma única perspectiva sintetizadora e conciliadora. Não há contraste explícito entre essas vozes, resultando numa polifonia limitada, controlada pelo <i>chatbot</i> que evita conflito explícito entre teorias.
Gêneros discursivos	"Principais características do construtivismo: estudante como protagonista [...] papel do professor como mediador."	Gênero discursivo claramente explicativo/instrucional. Adapta o gênero tradicional do verbete didático/enciclopédico. Não cria propriamente um gênero novo, mas adapta e simplifica um gênero existente (verbeta ou resumo didático).
Ideologia	“O estudante é o centro”, “professor facilita, orienta e estimula”, valorização da “interação social”	Privilegia claramente uma perspectiva pedagógica progressista, construtivista. Silencia outras perspectivas, como as tradicionais ou críticas (não menciona limitações ou críticas ao construtivismo).
Contexto Sócio-Histórico	“conhecimento construído ativamente pelo próprio estudante”	O contexto sócio-histórico atual valoriza abordagens centradas no estudante e no desenvolvimento de pensamento crítico. O <i>chatbot</i> reflete discursos contemporâneos dominantes na educação, enfatizando a autonomia e interação social, contribuindo para reforçar esses modelos educacionais em detrimento de abordagens tradicionais.

Comando: “Como lidar com a indisciplina em sala de aula?”

Categoria Bakhtiniana	Exemplo do corpus (resposta do <i>chatbot</i>)	Análise / observações
Dialogismo	"Lidar com a indisciplina em sala	O <i>chatbot</i> retoma implicitamente o enunciado da pergunta sobre indisciplina, respondendo de forma

	de aula é um desafio comum..."	direta. Há uma antecipação clara de futuras interações ao oferecer "sugestões práticas", sugerindo continuidade ao diálogo. Contudo, não há verdadeira intencionalidade discursiva; a resposta é padronizada e genérica, sugerindo um dialogismo simulado ou algorítmico, não intencional.
Heteroglossia	"respeito mútuo", "limites claros", "empatia"; "rotina estruturada"; "incentive a comunicação aberta"	O discurso do <i>chatbot</i> apresenta uma heteroglossia moderada, combinando um estilo formal-instrucional com elementos mais acolhedores e coloquiais. Contudo, as vozes sociais presentes são limitadas e predominam discursos da psicologia educacional, reforçando uma abordagem comportamentalista com toques humanistas. Não há agência real nessas vozes que são apenas simuladas como estratégias retóricas.
Polifonia	"Estabeleça regras claras", "Construa relações positivas", "Identifique causas sociais e emocionais da indisciplina"	O <i>chatbot</i> menciona múltiplas estratégias, sugerindo superficialmente a existência de diferentes perspectivas sobre o tema (disciplinar, afetiva, social). Contudo, essa aparente polifonia é subordinada a uma única perspectiva conciliadora e não crítica, indicando ausência de verdadeira autonomia das vozes, já que todas as abordagens são apresentadas sem conflitos ou questionamentos reais. Trata-se de uma polifonia aparente ou simulada, controlada por uma voz autoritária implícita (a voz consensual, sem conflito, emergindo do algoritmo).
Gêneros discursivos	"Confira algumas sugestões práticas"; lista numerada de estratégias ("1. Estabeleça regras claras")	Claramente utiliza um gênero instrucional com características próximas a manuais pedagógicos ou guias de comportamento em sala de aula. Não cria um gênero novo, mas adapta e sintetiza gêneros existentes (guia de boas práticas pedagógicas, manual instrucional). A presença da IA Gen molda o gênero discursivo tornando-o mais simplificado, direto e genérico.
Ideologia	"Respeito mútuo, limites claros, empatia"; "Seja paciente e persistente"; "Procure entender o contexto familiar e social do estudante"	Reproduz uma ideologia pedagógica moderadamente progressista, centrada na gestão afetiva e compreensiva da indisciplina. Amplifica o discurso da pedagogia comportamental e afetiva, marginalizando perspectivas críticas, punitivistas ou que problematizem questões estruturais mais profundas, como desigualdades sociais ou pedagógicas críticas. Há uma tendência ideológica clara à manutenção da ordem de forma não-conflituosa e consensual.
Contexto Sócio-Histórico	"Trabalhe em parceria com os pais"; "Identifique causas familiares e sociais da indisciplina"	O contexto contemporâneo, em que se valoriza o diálogo e a empatia nas relações educativas, é refletido claramente pelo <i>chatbot</i> . Relações de poder permanecem implícitas em que o professor mantém a autoridade, ainda que descrita como mediadora e democrática. O impacto social desse discurso reforça práticas pedagógicas centradas na harmonia social e disciplina suave, negligenciando abordagens mais transformadoras ou críticas.

Comando: “O que foram as Revoluções Industriais?”

Categoria Bakhtiniana	Exemplo do corpus (resposta do <i>chatbot</i>)	Análise / observações
Dialogismo	“As Revoluções Industriais foram grandes processos históricos de transformação...”	O <i>chatbot</i> responde diretamente à pergunta, retomando claramente o enunciado inicial, estruturando a resposta cronologicamente para antecipar possíveis perguntas futuras. A intencionalidade é algorítmica, didática, sem posicionamento ideológico explícito. O diálogo é predominantemente informativo, simulando objetividade.
Heteroglossia	"Êxodo rural e crescimento das cidades"; "fordismo"; "big data, Internet das coisas (IoT)"	O <i>chatbot</i> combina vocabulário técnico acadêmico ("fordismo", "biotecnologia", "nanotecnologia") com termos populares e contemporâneos ("internet das coisas", emojis para ilustrar). Essa heteroglossia demonstra uma tentativa superficial de aproximação com o público geral. Contudo, não se verifica agência real nessas vozes, que são reproduções estáticas e pouco críticas, configurando-se como uma heteroglossia mais ilustrativa do que efetivamente dialógica.
Polifonia	"melhoria geral do padrão de vida (embora desigual)", "novos desafios éticos relacionados à inteligência artificial e automação"	Apresenta pontos de vista variados (avanços econômicos versus desafios éticos e sociais), mas claramente subordinados a uma perspectiva consensual e pouco problematizadora. Não há real tensão dialógica ou conflito entre as vozes. O <i>chatbot</i> apresenta uma polifonia limitada e controlada, sintetizada numa narrativa histórica simplificada e unificadora.
Gêneros discursivos	"Historicamente, destacam-se quatro grandes revoluções industriais"; estrutura organizada por tópicos e listas	O <i>chatbot</i> utiliza um gênero explicativo-didático, próximo ao verbete enciclopédico ou à aula expositiva simplificada, com tópicos e listas didáticas. Não há criação de um gênero novo, mas sim uma adaptação eficiente de gêneros educacionais tradicionais para o formato digital breve e objetivo da interação <i>chatbot</i> -usuário.
Ideologia	"aumento da produtividade"; "melhoria geral do padrão de vida (embora desigual)"; "grandes avanços tecnológicos"	A ideologia subjacente é claramente pró-desenvolvimentista e tecnocêntrica, enfatizando avanços e melhorias tecnológicas, com breves menções à desigualdade como efeito colateral. Marginaliza visões críticas mais profundas sobre impactos negativos das revoluções industriais (ex.: exploração do trabalho, colonialismo econômico), sugerindo uma visão ideológica dominante e pouco crítica, alinhada ao discurso tecnológico predominante.

Contexto Sócio-Histórico	"Internet das coisas (IoT), inteligência artificial, robótica avançada e big data"; "liderada por países desenvolvidos"	Reflete claramente o contexto histórico-social atual, onde tecnologias digitais e discursos sobre inovação tecnológica dominam o cenário global. As relações de poder ficam explícitas na referência aos "países desenvolvidos" como protagonistas. Esse discurso reforça a percepção da inevitabilidade tecnológica e econômica, possivelmente reduzindo a capacidade crítica do estudante diante das questões sociais e econômicas decorrentes dessas revoluções industriais.
---------------------------------	---	---

Comando: “Deve-se usar inteligência artificial para fazer trabalhos acadêmicos?”

Categoria Bakhtiniana	Exemplo do corpus (resposta do chatbot)	Análise / observações
Dialogismo	"A questão principal não é se devemos ou não usar IA, mas sim como usá-la corretamente."	O <i>chatbot</i> retoma diretamente o enunciado inicial, transformando-o em uma reflexão que sugere continuidade dialógica, antecipando possíveis objeções futuras dos usuários sobre a ética no uso da IA. A intencionalidade, entretanto, é predominantemente algorítmica e simula uma posição neutra e pedagógica.
Heteroglossia	Uso de emojis (🔍, 🚨, 📖); termos acadêmicos como "ética", "reflexão pessoal", combinados com linguagem coloquial e visual (ícones).	O <i>chatbot</i> apresenta diversidade estilística (formal, visual, coloquial e acadêmica). Combina vozes sociais como a acadêmica formal e uma informal jovem representada pelos emojis, mas as vozes carecem de agência autônoma. Trata-se de uma heteroglossia limitada, projetada para atrair o interlocutor, sem autonomia discursiva verdadeira.
Polifonia	"IA pode ser positiva se ética" versus "IA problemática: plágio e falta de reflexão".	O <i>chatbot</i> apresenta superficialmente perspectivas distintas, sugerindo uma polifonia ao mencionar benefícios e riscos do uso de IA. Entretanto, as vozes estão subordinadas a uma perspectiva unificadora centrada no uso ético e responsável da tecnologia, reduzindo os conflitos discursivos a um aparente consenso, o que caracteriza uma polifonia simulada ou reduzida.
Gêneros discursivos	Estrutura: apresentação introdutória; tópicos positivos e negativos; sugestões práticas; conclusão.	O <i>chatbot</i> adapta o gênero discursivo instrucional-argumentativo, comum em textos acadêmicos simplificados ou guias de boas práticas. A utilização de ícones/emoções (🔍, 🚨, 📖) revela uma adaptação ao contexto digital atual, embora sem criação efetiva de um gênero discursivo novo.
Ideologia	“Uso ético, consciente e responsável da IA”; “Evitar plágio”;	O <i>chatbot</i> reforça claramente uma ideologia dominante sobre o uso ético e responsável das tecnologias digitais na academia, amplificando valores relacionados à autonomia do estudante, letramento digital e integridade acadêmica. Silencia

	“Reflexão pessoal e crítica”.	abordagens críticas mais profundas sobre dependência tecnológica ou sobre os riscos estruturais da automação intelectual.
Contexto Sócio-Histórico	“Cite explicitamente quando o texto for auxiliado ou parcialmente gerado por IA”; “evitando plágio”.	O contexto histórico contemporâneo, marcado por amplo debate sobre ética e integridade acadêmica, molda fortemente o discurso do <i>chatbot</i> , reforçando práticas de compliance acadêmico em relação à IA. As relações de poder implícitas sugerem uma visão normativa institucionalizada sobre ética e tecnologia, enfatizando a responsabilidade individual, mas negligenciando questões coletivas ou estruturais sobre acesso e desigualdades tecnológicas na educação. O impacto social ou educacional da resposta tende a fortalecer um consenso pouco crítico sobre a neutralidade ética da tecnologia, promovendo conformidade às normas institucionais vigentes.

A análise das respostas do ChatGPT revelou um conjunto de estratégias discursivas recorrentes, que podem ser entendidas como tentativas de simular um diálogo efetivo, ainda que dentro das limitações impostas pela falta de subjetividade própria. Uma estratégia evidente é a neutralização do enunciador com respostas redigidas em tom impessoal e objetivo. Essa impessoalidade confere um ar de autoridade neutra ao discurso, aproximando-o de um gênero enciclopédico ou didático. Importa mencionar que seria possível uma simulação de não neutralidade se assim fosse requerido no comando dado, em uma estratégia de engenharia de prompt, que pede para o chatbot “atuar como” e, em seguida, instruções de como deve se comportar.

Do ponto de vista bakhtiniano, tal neutralidade aparente mascara o fato de que todo enunciado tem origem em vozes socialmente localizadas. No caso, a “voz” do *chatbot* amalgama vozes de manuais, artigos e outros textos prévios, mas as apresenta como se fossem verdades objetivas e desinteressadas. Identificamos aqui o risco do estudante perceber a resposta do *chatbot* como uma posição consensual e inequívoca do conhecimento, quando na verdade ali podem estar embutidas perspectivas específicas. Trata-se de um monologismo disfarçado de diálogo – o usuário dialoga com o *chatbot*, mas este lhe entrega um conteúdo unificado, sem expor a polifonia de debates que muitas vezes existe em torno de um tema educacional.

Outra estratégia notada é o esforço de cobertura multiperspectiva superficial. Em perguntas que envolviam alguma controvérsia ou amplitude de enfoques, o ChatGPT tendia a listar vários aspectos ou pontos de vista, numa estrutura “por um lado... por outro

lado...”. Por exemplo, diante da questão sobre usar IA para fazer trabalhos acadêmicos, a resposta trouxe argumentos favoráveis e contrários, finalizando com uma síntese equilibrada sem posicionamento aparente.

À primeira vista, isso indica dialogismo com diferentes vozes (pró e contra) inseridas no enunciado. No entanto, observamos que essa pluralidade permanece nivelada e reconciliada pelo próprio discurso do *chatbot*, que busca conclusão conciliatória. Não há tensão efetiva entre as vozes nem posicionamento claro. O que se tem é uma enumeração politicamente “segura” de pontos, resultando em uma resposta bastante genérica. Essa característica coaduna-se com a observação de Santaella (2023) de que modelos de IA carecem de pensamento verdadeiramente divergente, tendendo a soluções de compromisso e reproduções do senso comum.

O *chatbot*, ao tentar não “desagradar” nenhum possível interlocutor, pratica uma espécie de *polifonia controlada*, onde as vozes incorporadas já vêm destituídas de sua carga conflitiva. Em termos bakhtinianos, seria como um romance em que as vozes discordantes das personagens são harmonizadas artificialmente pelo autor-narrador, perdendo a vivacidade do confronto dialógico. No contexto educacional, isso significa que, embora o *chatbot* possa exibir múltiplas facetas de um problema, ele dificilmente incitará um debate crítico – ao contrário, tende a entregar ao estudante uma síntese pronta, o que pode desincentivar a busca por aprofundamento. O diálogo que ocorre é binário (usuário–bot), o que contrasta com a natureza polifônica de um ambiente educativo ideal (professor, múltiplos estudantes, autores diversos, todos interagindo).

Notamos que a IA Gen simula polifonia intrínseca nas respostas multiponto, mas carece de uma alteridade genuína – não há surpresa genuína, discordância autêntica ou criatividade radical oriunda de outro sujeito. Como coloca Brait (2006), o dialogismo pleno requer o encontro com o outro em sua diferença. Nisso, no *chatbot*, o “outro” é reconstruído pelo Mesmo (o algoritmo). Assim, podemos definir esse fenômeno como *polifonia algorítmicamente orquestrada* em que existem múltiplas vozes de entrada (no treinamento) e de saída (no texto), porém moduladas por um dispositivo único que assegura homogeneidade e conformidade a certas expectativas.

A adaptação ao interlocutor é outra estratégia identificada nas respostas do *chatbot*. Ao analisar as respostas geradas a partir das perguntas, percebe-se que o *chatbot* variou ligeiramente o estilo discursivo conforme o tipo de conteúdo solicitado, adotando

predominantemente gêneros explicativos, instrucionais e informativos. Isso demonstra um componente de *heteroglossia adaptativa*, em que o modelo ajusta seu discurso aos gêneros discursivos e estilos linguísticos esperados para cada situação comunicativa, ainda que mantendo uma postura neutra e padronizada, própria da mediação tecnológica. Independentemente do registro assumido, o *chatbot* tende a estruturar a resposta de modo parecido (introdução, desenvolvimento enumerado, conclusão), o que demonstra uma influência de uma “resposta padrão” aprendida. Ou seja, há vozes diversas, mas elas são encaixadas num formato relativamente estável e repetitivo.

Tal adaptabilidade é positiva em termos de interação (aproxima a linguagem do nível do estudante, por exemplo), mas também traz à tona questões ideológicas. Observamos que, mesmo adaptando léxico e sintaxe, o *chatbot* mantinha certos traços invariantes no *ethos* discursivo como polidez extrema, otimismo cauteloso e ausência de críticas contundentes. É como se a “voz” da IA Gen tivesse uma personalidade padronizada, moldada pelos filtros éticos de sua programação (OpenAI), evitando termos negativos, agressivos ou posições radicais.

Essa homogeneização estilística reflete a ideologia de “neutralidade” e cordialidade implantada nos *chatbots* comerciais atuais, os quais são deliberadamente projetados para não causar controvérsias ou ofender usuários. Em termos bakhtinianos, poderíamos dizer que há uma voz autoritária invisível ditando limites ao diálogo. A voz institucional da empresa, que preza por uma ideia de tecnologia “amigável”. Essa constatação reforça o argumento de que a verdadeira polifonia se encontra restringida e certas vozes (as críticas, irônicas, indignadas) dificilmente emergirão do discurso do *chatbot*, a menos que sejam expressamente solicitadas e, mesmo assim, correm o risco de serem suavizadas.

Sobre a questão da ideologia incorporada, os resultados confirmam que os *chatbots* carregam vieses sistêmicos. Além do já mencionado favorecimento de abordagens mais estabelecidas em detrimento de críticas, notamos outros exemplos. Em perguntas sobre história e sociedade, a IA frequentemente adotava uma narrativa “universal” eurocêntrica. Isso não é surpresa – reflete os dados majoritários da internet – mas reforça a ideia de que o discurso do *chatbot* tende a reproduzir a ideologia dominante (ou pelo menos, a ideologia predominante nas fontes disponíveis). Em linhas bakhtinianas, diríamos que a voz do “outro” que se manifesta na IA é frequentemente a

voz do outro hegemônico, mais alto e difundido, enquanto vozes marginalizadas requerem perguntas muito específicas ou não aparecem. A polifonia incompleta então também é uma polifonia hierárquica em que nem todas as vozes têm igual chance de emergir.

A partir desta análise, conectando teoria bakhtiniana a um aspecto identificado, surge o que chamaremos de “*monologismo algorítmico*”. Trata-se da constatação de que, embora o *chatbot* engaje em diálogos, o regime de produção de sentido permanece fundamentalmente monológico, pois é regido por um único aparelho enunciativo (o modelo de IA) que sintetiza todas as respostas segundo critérios internos e produz discurso que simula elementos constitutivos intrínsecos gerando uma percepção dialógica.

Essa condição monológica contrasta não apenas com o ideal polifônico, mas também com as práticas pedagógicas dialógicas defendidas por educadores críticos. Identificar e nomear esse “monologismo algorítmico” é um aporte que permite correlacionar diretamente o arcabouço bakhtiniano com o funcionamento técnico-discursivo dos *chatbots*. O algoritmo atua como um centrípeto (nas palavras de Bakhtin, forças centrípetas da linguagem buscam a unidade e uniformidade), reduzindo a dispersão dialógica que seria trazida por forças centrífugas (as vozes divergentes, disruptivas).

Considerações Finais

A investigação empreendida neste artigo buscou compreender criticamente o fenômeno emergente do discurso de *chatbots* de IA Gen no contexto educacional, lançando mão da teoria bakhtiniana do dialogismo como principal lente de análise. Ao longo do texto, argumentamos que, embora essas inteligências artificiais generativas sejam capazes de produzir enunciados coesos e interagir linguisticamente com usuários, há limitações intrínsecas à sua falta de subjetividade que condicionam a natureza desse diálogo.

Verificamos que o discurso dos *chatbots* é fundamentalmente dialógico na forma, porém carece de dialogismo pleno no conteúdo. Há, sem dúvida, uma interação pergunta-resposta que emula uma conversação, e o *chatbot* incorpora múltiplas vozes e estilos provenientes de seu amplo treinamento (heteroglossia). Entretanto, a ausência de uma intencionalidade consciente e de um lugar social próprio faz com que esse diálogo seja mais aparente do que real.

Identificamos um “monologismo algorítmico” subjacente – isto é, apesar da superfície dialógica, todas as réplicas emanam de um mesmo centro organizador (o modelo de IA e as orientações de seus criadores). Esse conceito nos permite correlacionar a teoria bakhtiniana a um aspecto específico. Enquanto Bakhtin via o diálogo como encontro de alteridades, no *chatbot* ocorre um simulacro de alteridade, um eco das vozes humanas passado pelo filtro uniformizador da máquina.

A análise crítica evidenciou que os *chatbots* tendem a reforçar vozes dominantes e paradigmas já consolidados. Sob a ótica bakhtiniana, poderíamos dizer que as “forças centrípetas” do discurso – aquelas que trazem unidade e convergência ideológica – prevalecem nas produções da IA, ao passo que as “forças centrífugas” – que trariam diversidade, contradição e renovação – são amortecidas. Por isso, se não for problematizado, o *chatbot* pode atuar como um vetor de homogeneização do discurso, diminuindo a exposição dos estudantes a ideias divergentes ou contra-hegemônicas. Tal constatação reforça a relevância da abordagem bakhtiniana, pois somente ao atentar evidenciar quais vozes são silenciadas é que se consegue ter uma visão crítica do conteúdo fornecido pela IA.

Destacamos a importância de práticas pedagógicas dialógicas e de um letramento digital crítico. Os resultados e discussões indicaram que é possível conviver com os *chatbots* de maneira construtiva, desde que haja consciência de seus limites. Inspirados pela pedagogia freireana, que enfatiza a conscientização e o diálogo autêntico, sugerimos que estudantes e professores engajem em uma espécie de “diálogo com o diálogo da máquina”, questionando, complementando e debatendo as respostas de IA, em vez de apenas consumi-las. Desse modo, a interação com o *chatbot* deixa de ser monológica (estudante pergunta e máquina responde) e torna-se ponto de partida para novos diálogos humanos.

Este estudo, naturalmente, não esgota o tema – ao contrário, abre diversas frentes para futuras pesquisas. A mediação tecnológica por *chatbots* coloca em relevo antigos dilemas do campo educacional sob novas formas: a tensão entre autoridade e diálogo, entre transmissão e construção de conhecimento, entre homogeneização e diversidade cultural. A teoria bakhtiniana, ao enfatizar o dialogismo, a pluralidade de vozes e a inseparabilidade entre linguagem e ideologia, mostra-se um farol orientador para navegar por esses dilemas. Ela nos lembra de que, por mais avançada que seja a inteligência

artificial, a palavra viva e responsiva permanece um fenômeno humano inigualável – e é alimentando o diálogo vivo, crítico e inclusivo que a educação cumprirá seu papel de humanização. Que os *chatbots* sejam então acolhidos não como substitutos, mas como convidados nesse grande diálogo da humanidade, cuja condução cabe, em última instância, a nós.

REFERÊNCIAS

BAIDOO-ANU, David; ANSAH, Leticia Owusu. *Education in the era of generative Artificial Intelligence (AI): understanding the potential benefits of ChatGPT in promoting teaching and learning*. *Journal of AI*, v. 7, p. 52-62, 2023.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 2. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 11. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso*. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

BRAIT, Beth. *Análise e teoria do discurso*. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

CASSIRER, Ernst. *Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

GONÇALVES, Emerson Campos; COITINHO, Juliana Barbosa. *O ChatGPT sonha com ovelhas elétricas? Uma análise bakhtiniana da IA a partir de perguntas sobre educação e tendências pedagógicas*?. *Texto Digital*, Florianópolis, v. 19, n. 2, e96973, 2023. DOI: 10.5007/1807-9288.2023.e96973.

GUNKEL, David J. *Comunicação e inteligência artificial: novos desafios e oportunidades para a pesquisa em comunicação*. *Galaxia* (São Paulo, online), São Paulo, n. 34, p. 05-19, jan.-abr. 2017. ISSN 1982-2553. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/K7cGL4Jgp8dXYwzDPZPy6qS>. Acesso em: 10 mar. 2025.

NINIS, Alessandra Bortoni. *et al. O mito da neutralidade da ciência*. In: NEDER, Ricardo T. (org.). *Teoria crítica da tecnologia: experiências brasileiras*. Brasília: UnB, 2013. p.15-28.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital*. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2022. Organizadores: Julia Lourenço Costa; Roberto Leiser Baronas.

RODRIGUES, Olira Santos; RODRIGUES, Olira Saraiva. *A inteligência artificial na educação: os desafios do ChatGPT*. *Texto Livre*, Belo Horizonte, v. 16, e45997, 2023.

DOI: 10.1590/1983-3652.2023.45997.
SANTAELLA, Lúcia. *A inteligência artificial é inteligente?* São Paulo: Almedina Brasil, 2023.

ROMAN, Artur Roberto. *O conceito de polifonia em Bakhtin: o trajeto polifônico de uma metáfora.* *Letras*, Curitiba, n. 41-42, p. 195-205, 1992-93. Editora da UFPR. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/download/19126/12426>. Acesso em: 09 de mar. De 2025

SANTAELLA, Lucia. *Gêneros discursivos híbridos na era da hipermídia.* *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 206-216, ago./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/Z96vv4RWJy4Qb8hghKmtvCL/> Acesso em: 09 de mar. De 2025.

SANTANA, Wilder Kleber Fernandes *et al.* *Lentes dialógicas sobre a inteligência artificial: do setor educacional ao ensino de língua(gens).* *Revista GEADEL*, Rio Branco, v. 5, n. 1, p. 47-67, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/GEADEL/article/view/7647>. Acesso em: 09 de mar. De 2025.

SANTOS, Fabiene de Oliveira. *A voz feminina em assistentes virtuais: uma análise pelos estudos da linguagem.* 2022. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/36728>. Acesso em: 9 mar. 2025.

SILVA, Geovana Ramos Sousa; CANEDO, Edna Dias. *Towards User-Centric Guidelines for Chatbot Conversational Design.* 2023. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/2301.06474> . Acesso em: 9 mar. 2025.

Declaração de contribuição dos autores

O autor Ives da Silva Duque-Pereira contribuiu com a concepção, projeto e redação do artigo. Sérgio Arruda de Moura contribuiu com a revisão crítica e aprovação final do artigo. Os autores se responsabilizam por todos os aspectos do trabalho na garantia da exatidão e integridade de qualquer parte da obra. Declaramos não haver conflito de interesses neste trabalho.

Declaração de disponibilidade do conteúdo

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.